

# Satélites rumo à independência do Plano Piloto

Processo de expansão das 19 cidades garante sustentação para a consolidação de novos pólos de desenvolvimento

Patrícia Cunegundes\*  
de Brasília

Na evolução do processo de urbanização de Brasília, a cidade, pensada para se circunscrever ao Plano Piloto, extrapolou para uma constelação que hoje soma 19 cidades. Algumas com população superior à da própria capital, como Ceilândia (380 mil habitantes) e Taguatinga (247 mil habitantes). Assim, dos 600 mil habitantes pensados nos anos 50 para o Plano Piloto, Brasília chegou ao ano 2000 com apenas 240 mil.

Para o geógrafo Aldo Paviani, pesquisador associado do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB), a pressão populacional e um forte núcleo preservacionista acabaram segregando aqueles sem poder aquisitivo para fixar residência ou estabelecer algum negócio no Plano Piloto. “Para esses, restou a pressa dos governantes em erguer ‘núcleos semi-urbanizados’ na periferia do centro, por vezes distanciados em mais de 40 quilômetros, mas carentes de oportunidades de trabalho.”

## Comércio

A especialista em planejamento urbano do Departamento de Geografia da UnB Marília Steinberger alerta que um segundo pólo de comércio está se consolidado e não pode ser desprezado. “É o que a gente pode chamar de sub-pólo do Plano Piloto, que é Taguatinga”, diz. O comércio de lá se expandiu, causando consequência positivas, óbvias, mas também negativas. Ao concentrar a população em shoppings locais, por exemplo, há um aumento na segregação.

Para ela, Brasília, que já é uma cidade elitista e se-

gregadora, ficará cada vez mais, pois a população de lá não virá mais para o Plano Piloto. O que os empresários não vêem é que Taguatinga já tem a segunda renda per capita das regiões administrativas.

Depois de Brasília, que responde por 27,62% da renda urbana total do Distrito Federal (R\$ 2,468 bilhões), Taguatinga detém 13,36% da renda do DF, o equivalente a R\$ 1,2 bilhão por ano. A população de 246.211 habi-

tantes, de acordo com a última contagem do IBGE, em 2000, hoje beneficia-se de três

shopping centers, universidades privadas e centro comercial consolidado.

Além da avenida Central Norte, que abriga o comércio varejista mas dinâmico do Distrito Federal, a cidade conta com um forte comércio atacadista, a exemplo do que ocorre em Ceilândia.

No final da década de 80, o professor Paviani já havia notado a tendência de des-

Renda urbana total do Distrito Federal por Região		
(Renda em R\$ Mil)		
Reg. Administrativas	Total	No DF
Brasília	2.468.088	27,62%
Gama	357.966	4,01%
Taguatinga	1.192.657	13,36%
Sobradinho	343.860	3,85%
Ceilândia	840.933	9,41%
Guará	738.056	8,26%
Total- Distrito Federal	8.936.605	100%

Fonte: Codeplan/DF

concentração de atividades do Plano Piloto para a cidade-satélite, criada no final dos anos 50, anos antes do planejado por Lúcio Costa. O geógrafo da UnB apontava a tendência do desenvolvimento das atividades terciárias na cidade com o consequente fortalecimento de sua autonomia econômica.

## Singular

A singularidade de Taguatinga consiste, de acordo com especialistas em urbanismo, no fato de ter sido originalmente planejada, e de fato criada, como área periférica e após 30 anos ter-se transformado em urbe eco-

nomicamente dinâmica, reduzindo gradualmente sua dependência em relação ao plano. Dados mais recentes do Governo do Distrito Federal (GDF) mostram que Taguatinga apresenta, pelo menos, cerca de mil contribuintes ativos de ICMS a mais do que os existentes no Plano Piloto.

Um dos empreendimentos comerciais mais recentes de Taguatinga, o Taguatinga Shopping foi resultado de investimento inicial de R\$ 85 milhões. Construído pela Via Engenharia e grupo Paulo Octávio, o centro comercial acabou transformando-se em um dos maiores shoppings da América Latina,

com 94 mil metros quadrados de área construída. Na época de sua inauguração, em 2000, uma pesquisa apontava que a demanda de consumo anual da região R\$ 610 milhões.

Mesmo com a vocação para shopping centers, Taguatinga não despreza o comércio local. Prova disso é que os empresários mais antigos, que viram a cidade crescer, não pretendem abandonar o centros de Taguatinga. O dono da rede de lojas de autopeças Induspina, Orédio Alves de Rezende, levou uma filial da rede goiana para Taguatinga em 1961, quatro anos depois de inaugurar a primeira loja no Núcleo Bandeirantes, naquela época chamado de Cidade Livre.

“Depois da tentativa de Jânio Quadros de acabar com o Núcleo, os comerciantes se espalharam e eu terminei indo para Taguatinga e, depois, para a W3 Sul”, afirma. Hoje, ao analisar todas as mudanças que presenciou nestes anos todos na cidade-satélite, Rezende tem apenas uma reclamação: a

falta de estacionamento. “O crescimento desenfreado estrangulou o trânsito e nós, comerciantes do centro, enfrentamos sérios problemas de estacionamento.”

Com os inúmeros projetos de revitalização do comércio da W3 Sul, o dono da Induspina, que veio para Brasília como gerente da rede e a comprou em 1995, já cogita fechar a loja do Plano Piloto. “Se o novo projeto não der certo, devo dividir os estoques entre as duas outras lojas - de Taguatinga e do Setor de Indústria e Abastecimento”, diz o empresário.

## Ceilândia

Depois de Taguatinga, a Ceilândia é a cidade-satélite com maior renda urbana do Distrito Federal - R\$ 840,933 milhões, ou 9,41% do total do DF, de acordo com dados da Codeplan. O nome da cidade - criada como resultado do primeiro projeto de erradicação de favelas que aconteceu no Distrito Federal. Criada em março de 1971, com a população das invasões das vilas do IAPI, Tenório, Esperança e Bernardo Sayão, além do Morro do Querosen - teve origem na sigla CEI - Comissão de Erradicação de Invasões.

Apesar de apenas 0,89% da população viver com renda acima de 40 salários-mínimos (a renda bruta média familiar é de 7,61 salários-mínimos), a Associação Comercial e Industrial de Ceilândia (Acit) aposta na vocação exportadora dos pequenos empresários. De acordo com levantamento da entidade, existem 25 produtores na Ceilândia que já possuem produtos a preços e qualidade compatíveis para concorrer no mercado internacional.

\*Colaboraram Gisele Teixeira e Fernanda Loureiro